

O projeto como investigação e experimentação: a estratégia compositiva baseada na suspensão em obras de Clorindo Testa.

El proyecto como investigación y experimentación: la estrategia compositiva a partir de la suspensión en obras de Clorindo Testa.

Sessão Temática: O processo de projeto

CORADIN, Cassandra Salton; Doutora; Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
cassandrasaltoncoradin@gmail.com

Resumo

Considerando o processo do projeto como investigação e experimentação, onde a produção arquitetônica não advém somente do talento e inovação, mas, principalmente, do estudo de precedentes, entende-se que cada projeto representa uma possibilidade de evoluir e aprimorar, por exemplo, a utilização de uma determinada materialidade, a concepção estrutural ou, até mesmo, consolidar uma intenção compositiva.

Contudo, a produção do arquiteto Clorindo Testa é vista, aparentemente, de modo inovador e autoral, como se cada novo projeto fosse uma nova experiência que não se alimenta de precedentes, mesmo os de sua própria arquitetura.

O presente texto pretende estabelecer um diálogo com essa visão, mas propor um deslocamento: inverter a perspectiva prevalente que aborda a inventividade e originalidade, pela busca de regularidades, especialmente sobre a estratégia compositiva baseada na suspensão.

Palavras-chave (3 palavras): Clorindo Testa, composição, suspensão.

Abstract

Considering the project process as investigation and experimentation, where architectural production does not come only from talent and innovation, but mainly from the study of precedents, it is understood that each project represents a possibility to evolve and improve, for example, the use of a certain materiality, the structural conception or, even, to consolidate a compositional intention.



However, the work of the architect Clorindo Testa is seen, apparently, in an innovative and authorial way, as if each new project were a new experience that does not feed on precedents, even those of its own architecture.

The present text intends to establish a dialogue with this vision, but propose a displacement: invert the prevailing perspective that approaches inventiveness and originality, by the search for regularities, especially on the compositional strategy based on suspension.

Keywords: Clorindo Testa, composition, suspension.

1. Introdução

O conhecimento arquitetônico repousa sobre o repertório de soluções do qual a história é o repositório; o repertório é aplicado com sensibilidade e razão a problemas específicos da arquitetura, segundo a teoria e a prática do ofício e a inventividade pessoal do arquiteto. (OLIVEIRA, 1986).

Considerando o processo do projeto como investigação e experimentação, onde a produção arquitetônica não advém somente do talento e inovação, mas, principalmente, do estudo de precedentes, entende-se que cada projeto representa uma possibilidade de evoluir e aprimorar, por exemplo, a utilização de uma determinada materialidade, a concepção estrutural ou, até mesmo, consolidar uma intenção compositiva.

Contudo, a produção do arquiteto Clorindo Testa é vista, aparentemente, de modo inovador e autoral, como se cada novo projeto fosse uma nova experiência que não se alimenta de precedentes, mesmo os de sua própria arquitetura:

Se de algum arquiteto pode-se dizer que seu procedimento não é tipológico, esse é, sem dúvida, Clorindo Testa, pois parece deixar sua mente em branco diante de cada problema, enfrentando-o com uma espécie de inocência primária e inventando soluções como se para tanto não existissem centenas de precedentes, de fórmulas comprovadas e aceitas." (WAISMAN, 1983).

O presente texto pretende estabelecer um diálogo com essa visão, mas propor um deslocamento: inverter a perspectiva prevalente que aborda a inventividade e originalidade, pela busca de regularidades, especialmente sobre a estratégia compositiva baseada na suspensão.

Cabe destacar que este ensaio faz parte de uma pesquisa, em andamento, que tem como objetos de investigação os projetos de edificações propostos por Clorindo Testa entre os anos 50 e 70, documentados no primeiro catálogo monográfico publicado pela revista Summa, no início do ano de 1983, produzido pela arquiteta Marina Waissman. A relevância desse material reside no fato de ter sido a primeira organização e apresentação da obra do arquiteto, separada cronologicamente em três momentos: 1950–1959, 1960-1969 e 1970-1982.



Também contribuem para o recorte mencionado as considerações de Manuel Cuadra, autor do livro monográfico “Clorindo Testa Architects”, publicado no ano 2000. Cuadra entende que, nessa fase, a obra de Testa segue atitudes projetuais que convergem em um raciocínio semelhante. (CUADRA, 2000).

Sendo assim, através de uma abordagem interpretativa de um conjunto de projetos busca-se identificar familiaridades na sua arquitetura, especialmente sobre a estratégia compositiva baseada na suspensão. Cabe ressaltar que, em todas as obras em que a suspensão está presente, o concreto armado aparente é o material utilizado na estrutura resistente, associada à utilização de tensores metálicos.

Sobre a aplicação do material, o concreto armado, é sabido que os argumentos em favor da sua utilização, particularmente na Argentina, são iniciados por volta da década de 50 do século passado. Já os anos 60 assinalam a ampliação de sua utilização, e se caracterizam por um período de vasta experimentação das suas possibilidades estruturais. (LIERNUR, 2001).

Acredita-se que Clorindo Testa se valha da investigação e experimentação da estrutura resistente à medida que desenvolve os projetos, em um raciocínio contínuo, que se retroalimenta. Para confirmar essa percepção, o texto apresenta e analisa – especialmente sob o ponto de vista da concepção estrutural – três obras do arquiteto que, em ordem cronológica, exploram a composição que suspende os pavimentos dispostos sobre os ambientes que têm destaque nos programas arquitetônicos, promovendo um espaço interior unificado, livre da presença massiva de pilares.

2. Banco de Londres

O projeto para o Banco de Londres é proposto em um concurso de anteprojetos, de caráter privado, em 1959. Consta nas bases do concurso a necessidade de um edifício que transmita a integridade, eficiência e confiança - presentes nas operações do banco - por meio de uma expressão arquitetônica clara e concisa, que não recorra a imagens do passado, nem a clichês atuais que logo se tornam antiquados. Exigem flexibilidade nas distribuições das funções e o mínimo possível de pilares no interior dos recintos. Além disso, estabelecem como condicionante o cuidado com as futuras manutenções dos revestimentos escolhidos. (SUMMA, 1966).

A direção do banco considera que o projeto de Clorindo Testa, Santiago Sánchez Elía, Federico Peralta Ramos e Alfredo Agostini não somente resolve os aspectos funcionais e tectônicos, mas também se adequa aos princípios simbólicos propostos. Sendo assim, 6 anos depois, em agosto de 1966, é inaugurado um dos grandes exemplos de arquitetura moderna em terras sul-americanas.

A sede central do Banco de Londres e América do Sul se localiza sobre uma esquina na área central de Buenos Aires e se apresenta como uma grande estrutura de concreto armado - com uma superfície coberta total de 28.727m², 45 metros de extensão sobre a Rua Bartolomé

Mitre, e quase 75 metros sobre a Rua Reconquista (CONSTRUCCIONES, 1964) - que contrasta com as tradicionais construções bancárias que a rodeiam - “um edifício inserido na cidade de modo quase brutal, com vontade de transformação, contudo, entendendo a estrutura urbana e dialogando com ela” (BOHIGAS, 1983. p.37). (Figura 01 e 02).

Figura 1: Banco de Londres e América do Sul, visual da esquina entre as Ruas Bartolomé Mitre e Reconquista.



Fonte: Acervo da autora. Junho, 2007.

Figura 2: Banco de Londres e América do Sul e entorno urbano.

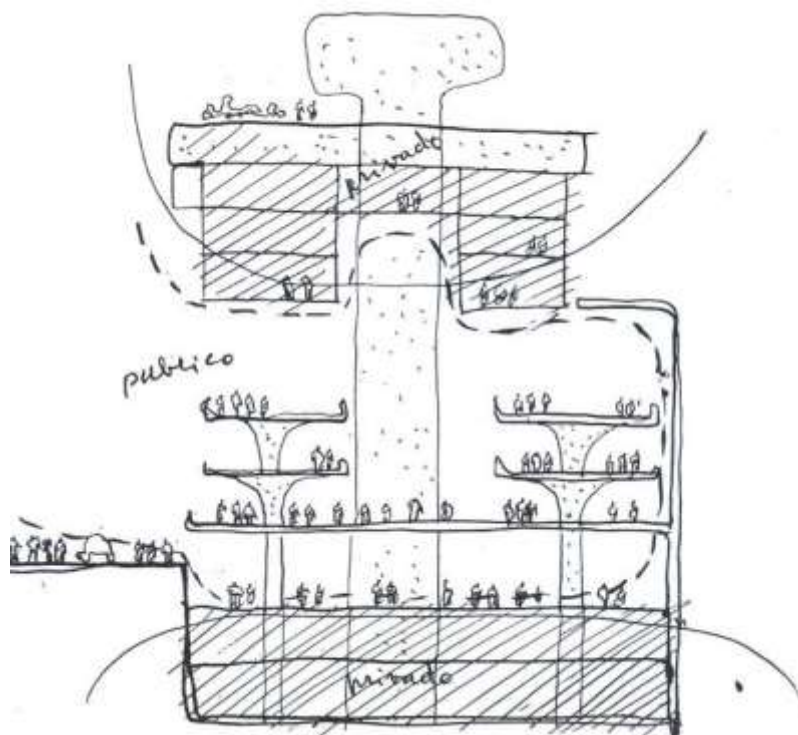


Fonte: GLUSBERG, J. **Clorindo Testa – pintor y arquitecto**. Buenos Aires: Summa+ books, 1999. p.132.

O partido arquitetônico parte de duas intenções projetuais: um zoneamento dos recintos de caráter privado e público em espaço unificado, e a continuidade espacial entre interior e exterior. O resultado é obtido por meio de um esquema estrutural onde uma malha ciclópica de concreto - que permite a integração visual desde o interior às ruas adjacentes – sustenta um entremeado de vigas na cobertura, juntamente com as caixas de escadas, um pórtico na parte leste da edificação e um robusto pilar localizado junto à entrada principal.

Em linhas gerais, o projeto é concebido como um grande espaço unificado (Figura 03), organizado mediante seis bandejas. As duas primeiras destinadas ao uso público, e os quatro níveis seguintes destinados ao uso interno do Banco. Todas elas estão dispostas em dois grupos paralelos. O ingresso à edificação é conformado por um vazio na esquina das ruas Bartolomé Mitre e Reconquista, o qual dilata a dimensão apertada das calçadas, absorve a circulação dos pedestres e facilita o acesso à edificação. Sob o pavimento de acesso encontram-se três níveis de subsolo.

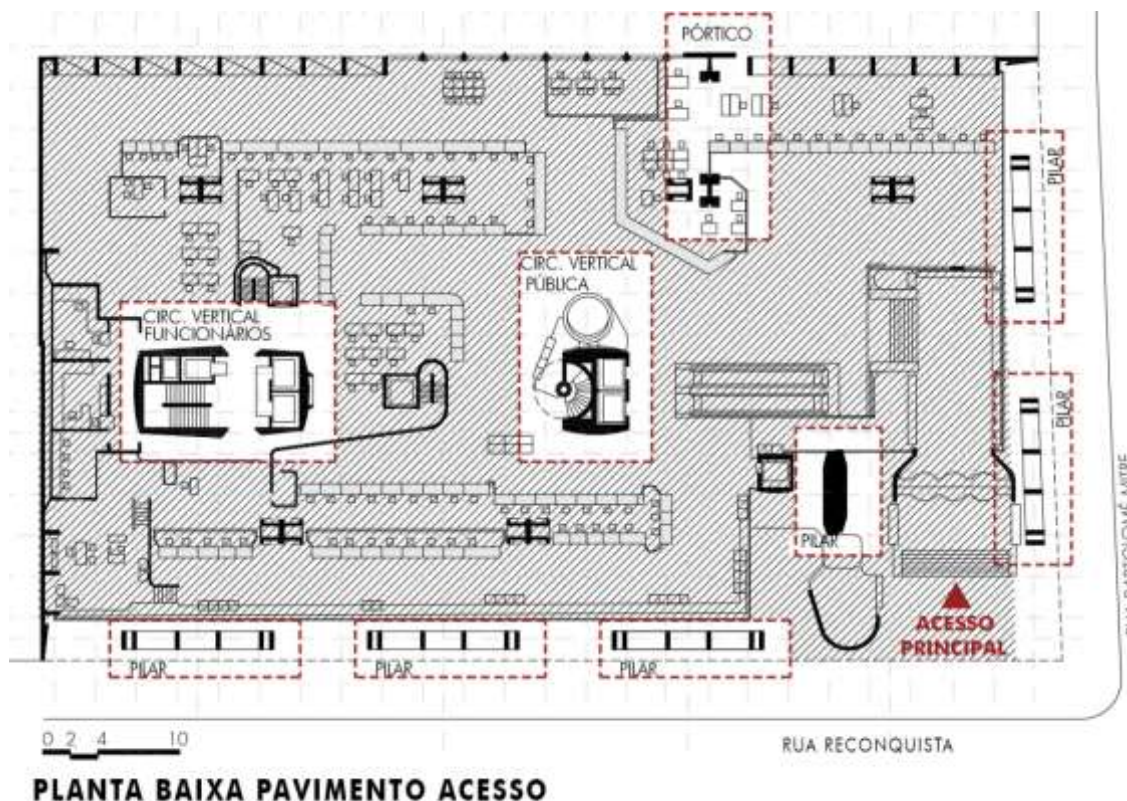
Figura 3: Espaço interior unificado.



Fonte: **Banco de Londres y America del Sur.** SUMMA. n.º6/7, p.28, dez.1966.

O pavimento de acesso, – cota 2,18 metros – e os três subsolos obedecem um esquema estrutural relativamente simples. É composto por lajes, unidas à cortina perimetral, em concreto armado, que envolve todo o volume subterrâneo e constituem um volume rígido. Sobre esse pavimento são formados outros dois sistemas estaticamente independentes. (PEDREGAL, 1966). (Figura 4).

Figura 4: Planta Baixa do pavimento de acesso, cota 2,18, com a marcação dos elementos da estrutura resistente vertical.



Fonte: Desenho da autora, 2016.

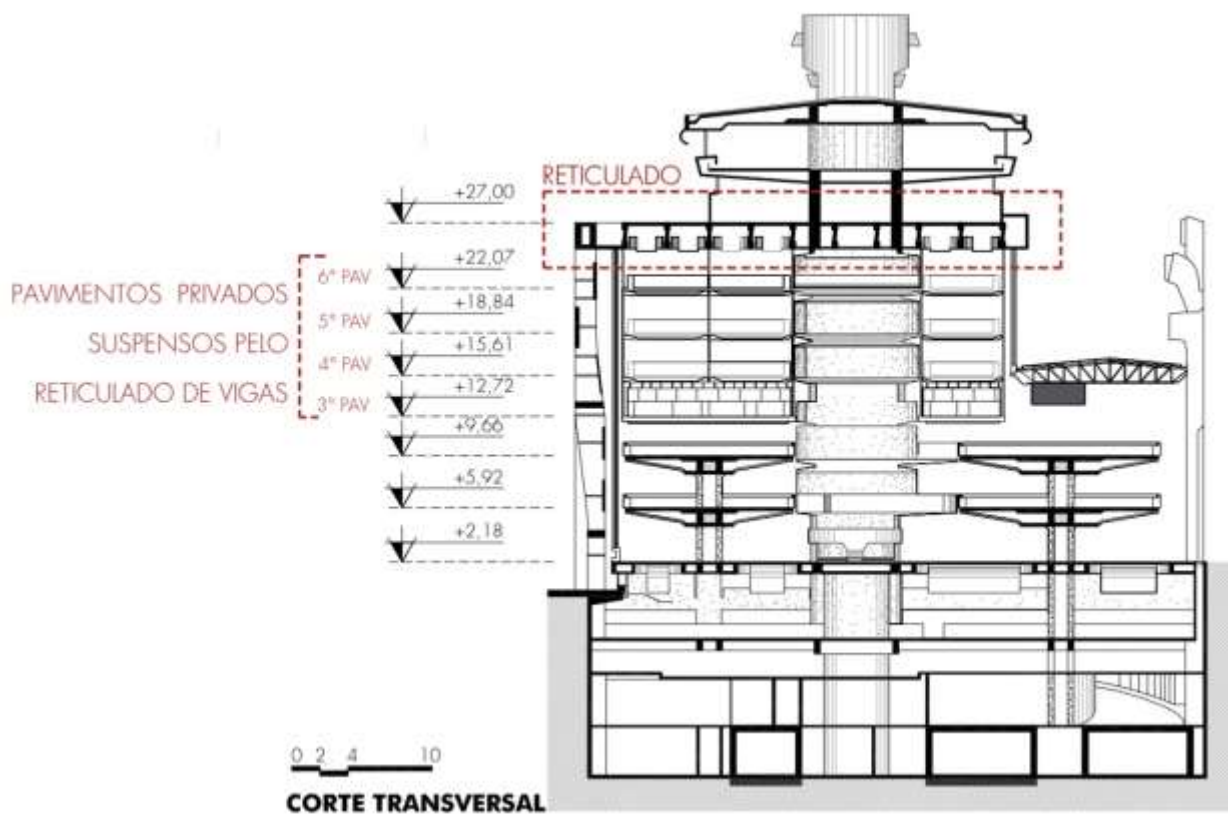
Um deles se materializa nas lajes dos pavimentos 5,92 metros e 9,66 metros, e é concebido por um conjunto de bandejas que se apoiam em vigas tubulares de 18 metros de comprimento, sustentadas por robustos pilares em forma de duplo T. Essas bandejas ficam em balanço de 7,00 metros para cada lado da viga. (PEDREGAL, 1966).

O outro sistema estrutural ao qual foi feita referência é conformado por um conjunto de vigas, dispostas lado a lado, na cota 27,00 metros – a cobertura –, que se apoiam sobre a colunata perimetral da fachada, sobre um pilar – junto ao no acesso principal –, um pórtico - localizado no extremo sul da fachada interior - responsável pela estabilidade transversal, e nos dois volumes da circulação vertical. Sobre o reticulado de vigas, duas grandes vigas maciças conectam a estrutura dos núcleos verticais e auxiliam na sustentação de parte da carga da cobertura. (PEDREGAL, 1966).

As lajes das cotas 12,72 metros, 15,61 metros, 18,84 metros e 22,07 metros são os pavimentos destinados ao uso interno do Banco, estão dispostos em dois grupos paralelos e se encontram suspensos mediante cabos tensores fixados no reticulado de vigas citado anteriormente. A suspensão das lajes foi executada por meio de tensores e vigas metálicas,

segundo um módulo de 3 x 6 metros. Como trata-se de lajes pré-fabricadas de concreto, cada módulo corresponde a dois elementos de 1,50 x 6 metros. Dessa forma, cada laje confere um total de 4.000m² de superfície. (PEDREGAL, 1966). (Figura 5).

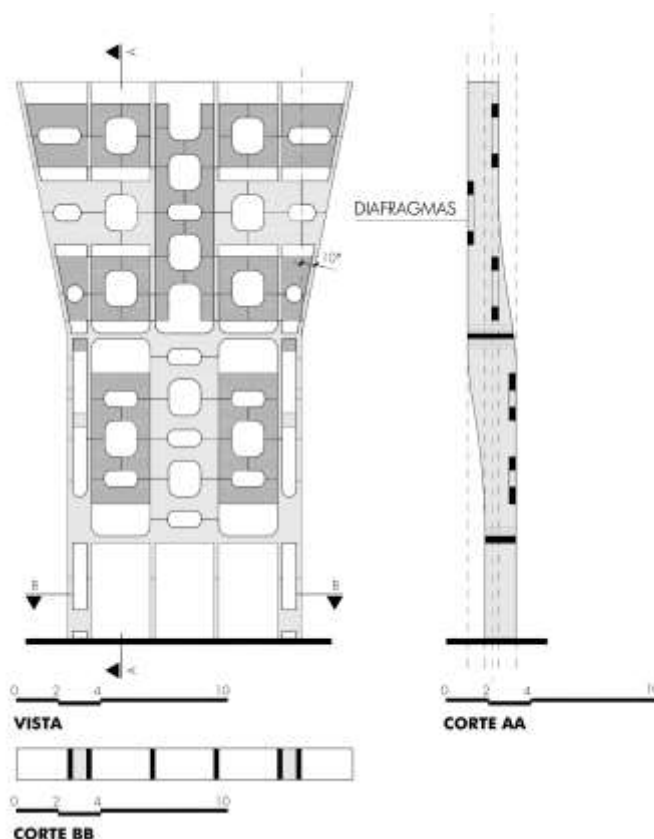
Figura 5: Corte transversal demonstrando os sistemas e elementos estruturais.



Fonte: Desenho da autora, 2016.

As colunas presentes nas fachadas (Figura 6) sofrem grandes esforços de compressão, por isso, além da utilização de um concreto mais denso, essas colunas são interligadas umas nas outras, em diversos níveis, por meio de diafragmas verticais para assim confirmar a rigidez do sistema. A colunata perimetral cumpre, segundo os arquitetos, três funções fundamentais: como elemento estrutural de sustentação da cobertura, como máscara protetora dos reflexos do sol no interior da edificação, e como expressão escultural da força e simbolismo previsto, nas bases do concurso, para o caráter do edifício. Por trás das colunas, apoiadas independentemente em uma estrutura metálica, estão os fechamentos transparentes. (SUMMA, 1966).

Figura 6: Coluna presente no perímetro da edificação.



Fonte: Desenho da autora, 2016.

3. Biblioteca Nacional

Um concurso público de anteprojetos para a edificação da Biblioteca Nacional é proposto em 27 de junho de 1961, patrocinado pela Federação Argentina de Sociedades de Arquitetos e pela Sociedade Central de Arquitetos. As bases preveem no programa de necessidades, basicamente, a necessidade de uma ampla sala de leitura, - considerada a parte mais nobre do edifício - vinculada a uma sala de referência. Essa última é tida como uma chave funcional da edificação, pois controla a retirada e recebimento de todas as obras depositadas na biblioteca. Prevê, ainda, um local para a Escola Nacional de Bibliotecários, espaços destinados para exposições culturais, um setor para diretoria, administração e um depósito geral que deve ser integrado à sala de referência e ao salão principal de leitura. (BASES Y PROGRAMA DEL CONCURSO DE ANTEPROYECTOS PARA LA CONSTRUCCION DEL EDIFÍCIO DE LA BIBLIOTECA NACIONAL, 1961).

Entre os condicionantes de projeto presentes nas bases do concurso destacam-se, especialmente, a necessidade de conjugação dos elementos naturais do terreno - tais como topografia, entorno urbano e elementos vegetais -, e o programa de uma biblioteca, acrescido da dificuldade de futuras ampliações. Os jurados consideram que o anteprojeto dos arquitetos Clorindo Testa, Francisco Bullrich e Alicia D. Cazzaniga não somente resolve os aspectos funcionais e tectônicos, como também é o que melhor se adequa ao terreno. (Figura 7).

Figura 7: Maquete apresentada por Testa e colaboradores no concurso de anteprojetos para a Biblioteca Nacional.



Fonte: SCHERE, R. Concursos 1825 – 2006. Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos. 2008.

Plasticamente, o projeto se desenvolve mediante uma esplanada semienterrada – onde se localiza a hemeroteca. Sob ela estão 3 pavimentos em subsolo para os depósitos de livros, de onde quatro robustos pilares emergem e elevam um corpo prismático retangular. Esse abriga quatro pavimentos, sendo dois deles para o grande salão principal de leitura e outros para usos gerais. Sob o corpo elevado, 3 formas prismáticas são suspensas mediante tensores metálicos, e nelas se localizam a administração, a direção, o auditório e a sala de exposições. (Figura 8).

Além dessas qualidades intrínsecas no projeto arquitetônico e em sua funcionalidade, destaca-se, também, o projeto estrutural desenvolvido para a edificação. Esse surge lado a lado com o anteprojeto apresentado no concurso, mas sofre adequações no decorrer do processo de elaboração do projeto executivo.

Nos três subsolos são utilizadas lajes de 3,90 x 5,70 metros, sem vigas, que se apoiam em colunas. Ressalta-se esses pavimentos possuem dimensão de 130 por 60 metros em planta baixa e um pé-direito livre de 2,40 metros. No nível da hemeroteca, o sistema de colunas suporta vigas transversais com lajes. Para sustentação lateral e apoio para o perímetro externo do subsolo, é proposta uma cortina de concreto, em cuja face externa aplica-se uma membrana de alumínio e manta asfáltica para conter infiltrações. (CONSTRUCCIONES, 1976).

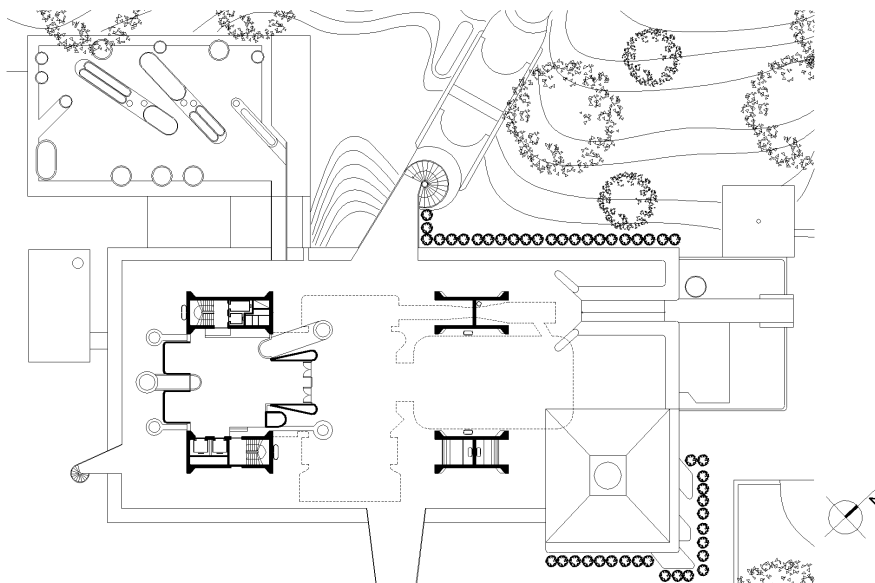
Figura 8: Biblioteca Nacional.



Fonte: Acervo da autora. 2007.

Os quatro grandes apoios colaboram, de certa maneira, na sustentação das lajes do subsolo. Contudo, conformam um sistema independente, cuja principal função estrutural é a sustentação do corpo elevado. As circulações verticais estão localizadas nos dois apoios traseiros, próximos ao acesso. Todavia, tanto esses quanto os frontais alojam dutos elétricos, de ar condicionado, entre outros sistemas técnicos. (Figura 9)

Figura 9: Pavimento de acesso. RN=0,00.

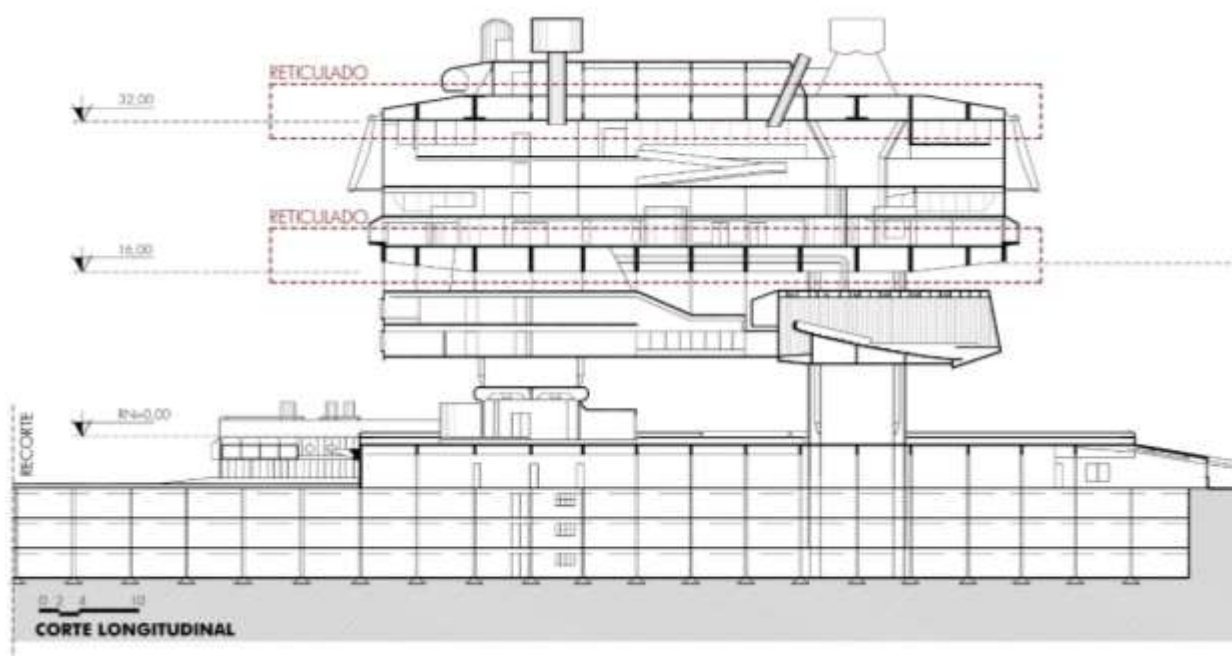


Fonte: Desenho da autora, 2016.

A uma altura de 16,00 metros sobre o nível do terraço, os quatro apoios sustentam um grande reticulado de vigas - conformado por duas grandes vigas longitudinais e nove vigas transversais – que, por sua vez, sustentam, a partir de tensores metálicos, os volumes sob o corpo elevado, constituído por dois pavimentos. Além disso, nesse reticulado, se apoiam colunas que sustentam as lajes do 3° e 4° pavimentos, sendo duas linhas de colunas alinhadas pelos eixos longitudinais dos grandes pilares e outras duas linhas entre eles, também no sentido longitudinal, estabelecendo distancias transversais equivalentes. As bordas ficam livres de apoios. (SUMMA, 1968).

Na cota 32,00 metros sobre o nível do terraço, os quatro apoios sustentam outro reticulado de vigas, a partir do qual ficam suspensas, por meio de tensores metálicos, as lajes do 6° pavimento. Dessa maneira, no 5° pavimento – 1° pavimento da sala de leitura -, não se encontram outros apoios além dos quatro principais, definindo, assim, um grande espaço unificado. Esse segundo plano estrutural mencionado também é constituído por duas grandes vigas longitudinais, que se apoiam nos quatro pilares principais e são enrijecidas pelo auxílio de uma série de vigas transversais. (SUMMA, 1968). (Figuras 10).

Figura 10: Corte Longitudinal.



Fonte: Desenho da autora, 2016.



No que concerne à plasticidade do concreto armado, pode-se perceber que Testa explora suas possibilidades ao máximo. Cria formas e volumes que, em um primeiro momento, parecem conformar uma escultura sem pretensão funcional, no entanto, basta uma aproximação sobre o projeto para perceber a coerência existente entre as funções programáticas e as formas adotadas para as mesmas.

4. Banco de Londres sucursal Santa Fé e Junín

Desde meados do século XX, pode-se perceber uma forte tendência corrente em aceitar o desenho moderno em projetos para as agências bancárias. Tal dado é apresentado em edição especial sobre a arquitetura bancária na revista “Nuestra Arquitectura”, em setembro de 1964. (KICHIC, 1964).

Segundo a publicação, as referências ao estilo clássico são rompidas à medida que a transformação das funções das agências ensejam a atualização de suas imagens. Desde o início do século XX, os bancos privados começam a se expandir e evoluir de lugar destinado a guardar o dinheiro à instituição de crédito. Essa troca incrementa uma nova relação com respeito ao cliente e, para satisfazer as novas necessidades, as formas que fazem referência ao estilo clássico são vistas como inadequadas. Incorporando o modernismo na arquitetura bancária, não somente é descoberta uma possibilidade de satisfazer as novas demandas práticas, mas também é percebido um meio de atrair novos clientes. “O banco moderno é útil e vende”. (KICHIC, 1964. p.32).

Nos interiores ocorrem as primeiras transformações. Esses se convertem em lugares confortáveis e elegantes; deixam de ser experiências isoladas e distintas na vida cotidiana. A imagem do exterior tem mais dificuldade nesse caminho, devido ao questionamento sobre possíveis riscos aos significados imbuídos nas construções clássicas tradicionais. Para sanar a questão, foi necessário que os antigos princípios de segurança e proteção fossem reconsiderados à luz das novas circunstâncias. A implantação em ruas com intensa circulação de pedestres permite elaborar a teoria de que o interior de banco à vista do público externo constitui em uma forma mais eficaz contra assaltantes. A partir disso, os muros sólidos e as portas monumentais, propostas nos antigos bancos introvertidos, são trocados por superfícies contínuas de vidro, em busca de um diálogo direto entre o interior e o público anônimo da rua. Os acessos se tornam mais diretos e facilitados, convidando o usuário ao passeio e visitaçao do espaço bancário. Os grandes halls se transformam em ambientes únicos, onde se confundem os espaços públicos e privados de trabalho. São adotados partidos com estruturas independentes que permitem uma adaptação contínua às variadas circunstâncias. O constante aumento de negócios e a mecanização da contabilidade fazem da flexibilidade um ponto de partida. (KICHIC, 1964).

Exemplos notórios da valorização do modernismo na arquitetura bancária privada encontram-se em Buenos Aires, nas agências do Banco de Londres e América do Sul. Tanto a sede central, apresentada anteriormente, quanto a sucursal, localizada na esquina das ruas Santa

Fé e Junín. (Figura 11). A filial tem o projeto desenvolvido em 1965, pelos mesmos arquitetos que propõem a sede central, localizada no centro da cidade de Buenos Aires.

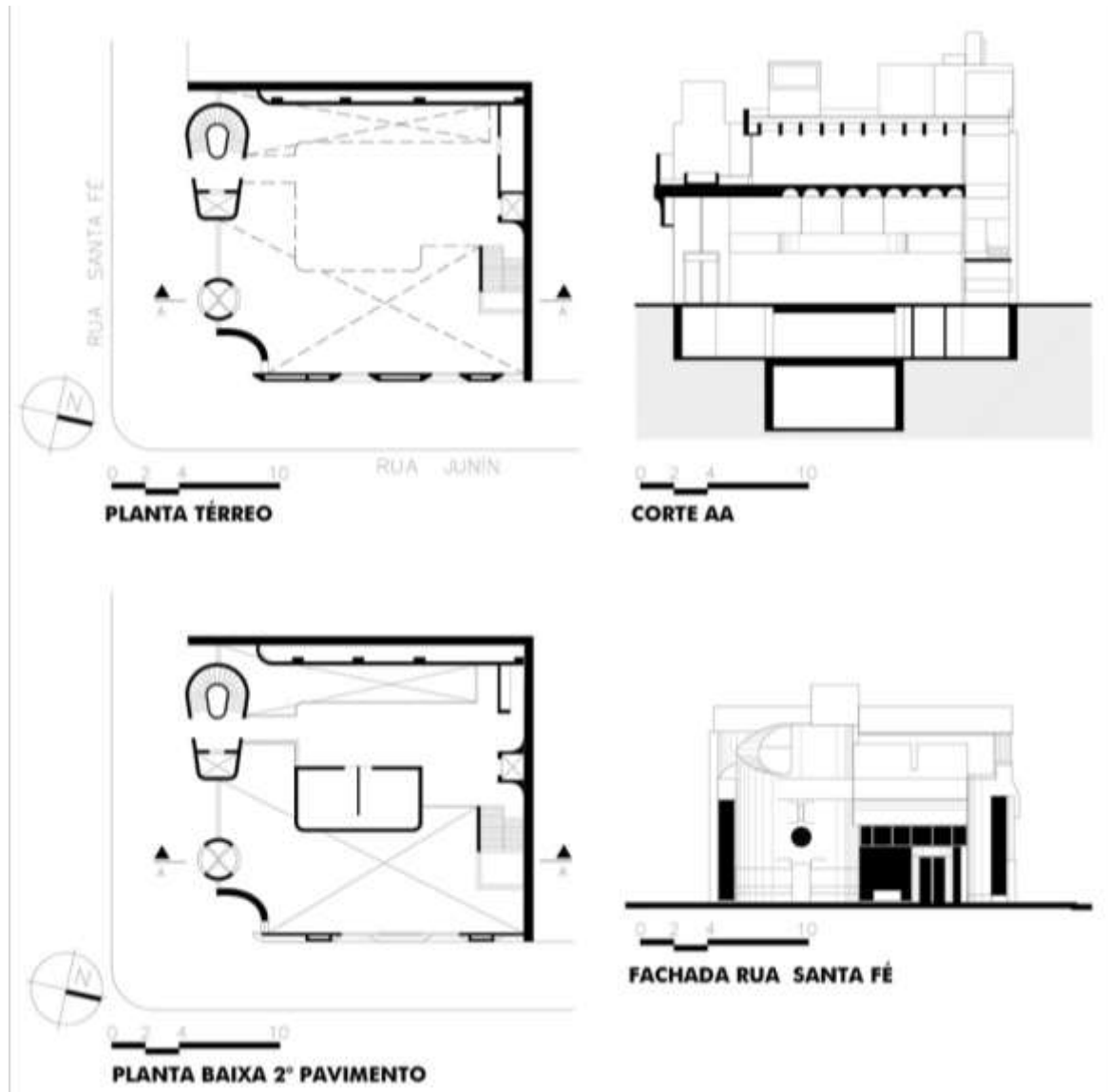
Figura 11: Banco de Londres e América do Sul, sucursal Sta Fé e Junín.



Fonte: Revista Nuestra Arquitectura, Buenos Aires, n. 509, dez 1979. p. 19.

O partido arquitetônico da sucursal explora a plasticidade do concreto aparente e, assim como na matriz, a estrutura foi peça chave para a proposta. Considerando as dimensões do terreno, opta-se por uma estrutura sem pontos de apoio internos. As paredes das divisas com terrenos adjacentes, a escada escultórica e trechos da fachada voltada para a Rua Junín conformam um envoltivo portante que apoia uma laje com cúpulas centralizadas. Essa, por sua vez, é responsável pela sustentação do 2º pavimento, que é suspenso por tirantes metálicos e abriga as salas de gerências, área de espera e atendimento, e corresponde ao piso do 3º pavimento, onde se localizam o escritório geral e uma área de terraço externo. Além dos pavimentos citados, também estão presentes dois níveis em subsolo, totalizando cinco pavimentos que somam 1.300m² de superfície. (KICHIC, 1964). (Figura 12).

Figura 12: Desenhos técnicos do Banco de Londres e América do Sul, sucursal Sta Fé e Junín.



Fonte: Desenho da autora, 2016.

Cabe destacar, da composição estrutural e formal, o invólucro da escada, de uso público, com degraus balanceados, composta por uma parede curva, que envolve também o elevador, e transita entre o interior e o exterior da edificação. Além disso, ressalta-se a estratégia compositiva de suspensão dos pavimentos que, assim como na sede central, libera o pavimento térreo e, pelo recuo criado pelo pavimento, que não toca a face externa da edificação, permite maior visibilidade do interior para o exterior pelas esquadrias dispostas nas superfícies verticais.

Apesar de ambas as agências, sede central e sucursal, serem construídas em mesma época, com materiais semelhantes, com rigor na execução e projetadas pela mesma equipe de

arquitetos, não têm a mesma valorização com o passar dos anos. Atualmente, a sede central, apesar de sofrer adaptações, mantém a essência do projeto original, quase integralmente. Já a sucursal sofre com o descaso, desinformação e falta de cultura arquitetônica. Passou por uma reforma desrespeitosa, considerando a espacialidade interna, a desvalorização do sistema estrutural, a desqualificação das superfícies e desconfiguração da linguagem. (Figura 13).

Figura 13: Antes e depois: Imagem à esquerda, projeto original. Imagem à direita, atual estado da edificação da Sucursal Banco de Londres – Sta Fé e Junín.



Fonte (esquerda): Revista Nuestra Arquitectura, Buenos Aires, n. 509, dez 1979. P. 19. Fonte (direita): <https://www.google.com.br/maps>

5. Conclusão

Ponderando sobre o entendimento do processo do projeto, na arquitetura, como uma possibilidade ativa de investigação e experimentação, entende-se que o estudo de obras progressas – mesmo entre os projetos de um mesmo arquiteto - permite estabelecer diálogos e verificar evolução e aprimoramento entre as proposições. Nesse sentido, ao apresentar os projetos do arquiteto Clorindo Testa, Sede Central do Banco de Londres e América do Sul (1959), Biblioteca Nacional (1962) e a Sucursal do Banco de Londres e América do sul Santa Fé e Junín (1965), acredita-se na possibilidade de identificar regularidades entre elas, mesmo sabendo que sua obra é vista, prevalentemente, de modo inventivo e original. Não é intuito da autora questionar a originalidade e o viés artístico, mas confirmar a percepção sobre o processo de projetar.

O presente texto estabelece um diálogo com a inventividade do arquiteto e com a recorrente utilização da estratégia compositiva baseada na suspensão. Os três projetos, no trecho em

que têm o interior unificado, - se apresentam ocós - possuem pavimentos suspensos por tirantes metálicos fixados em um reticulado de vigas, que, por sua vez, se apoiam na estrutura vertical da edificação - perimetral e/ou central. Essa estratégia compositiva garante a percepção da espacialidade interna na sua totalidade, especialmente nos pavimentos mais destacados do programa das edificações. (Figura 14).

Figura 14: Confirmação da regularidade na estratégia compositiva baseada na suspensão.

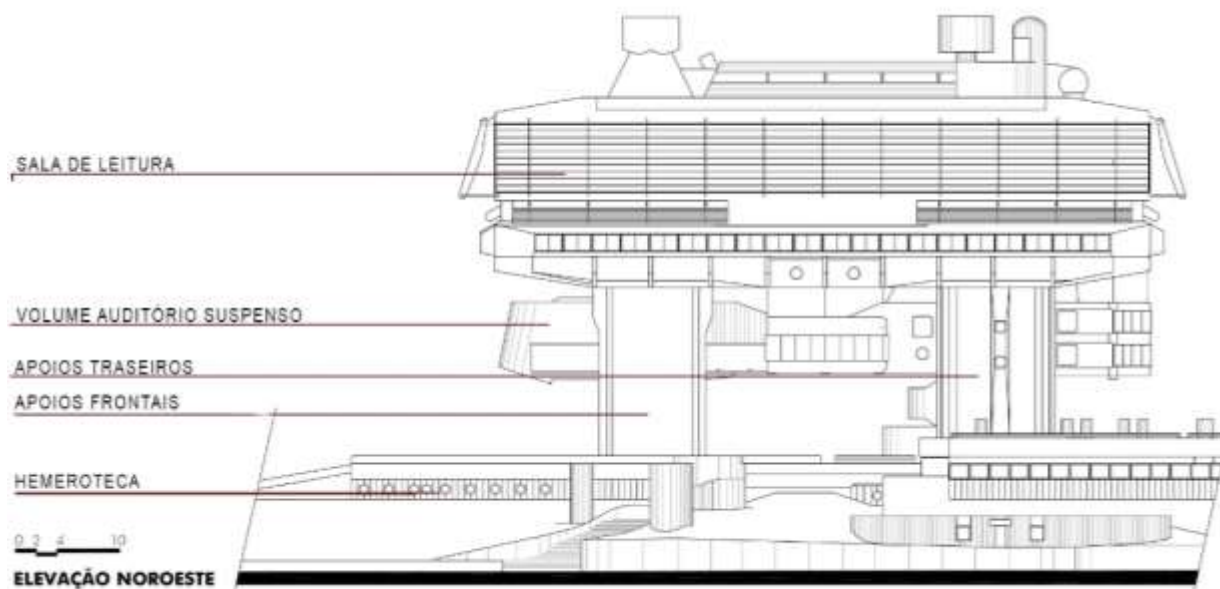


Fonte: Desenho da autora, 2016.

Sobre o reticulado de vigas, pode-se perceber que eles se apresentam de modo diferenciado em cada projeto, assim como são estruturados por sistemas diversos, mas compreendem o mesmo raciocínio: estrutura resistente vertical suporta o reticulado que, por sua vez, suspende mediante tensores metálicos um ou vários pavimentos. Contudo, na Biblioteca Nacional, os reticulados aparecem em dois momentos: na cobertura, onde fica responsável pela suspensão dos pavimentos superiores e permite a espacialidade livre da sala de leitura; e na sustentação do 2º pavimento, disposto sob o grande volume elevado pelos robustos apoios frontais e traseiros. Nessa segunda suspensão, diferente das valorizadas na figura 14, que compara as três edificações em mesma escala, a suspensão fica nitidamente percebida desde o exterior da edificação e revela os volumes do auditório, da área administrativa, do bar e foyer. (Figura 15 e 16).

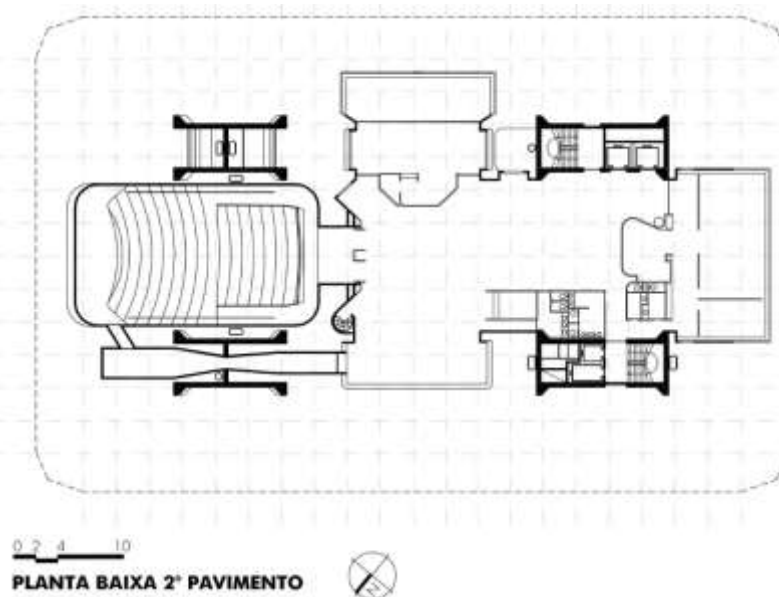
Entende-se que essa aproximação sobre projetos confirma que o processo projetual pode ser entendido como uma contínua pesquisa e, além disso, que, nas obras apresentadas, a estratégia compositiva baseada na suspensão se retroalimenta de precedentes entre as obras do próprio arquiteto.

Figura 15: Elevação Noroeste.



Fonte: Desenho da autora, 2016.

Figura 16: Planta Baixa do 2º Pavimento da Biblioteca Nacional



Fonte: Desenho da autora, 2016.

Referências:

- A nova sede central do Banco de Londres e América do Sul.** Fonte: SUMMA. n°6/7, p.28, dez.1966.
- Bases y Programa del Concurso de Anteproyectos para la Construcción del edificio de la Biblioteca Nacional.** Buenos Aires: junho de 1961.
- BOHIGAS, O. **Un profesional sin angustia: Entrevista a Clorindo Testa.** Buenos Aires: SUMMA, n°183/184 – jan/fev 1983.
- CUADRA, M. **Clorindo Testa Architects.** Rotterdam: NAI Publishers, 2000.
- Edificio para la Biblioteca Nacional.** CONSTRUCCIONES, Buenos Aires: n.262, nov.dez, 1976.
- Edificio de la Biblioteca Nacional.** SUMMA, Buenos Aires: n.11, abril, 1968. p.50.
- Exponentes del potencial de nuestra industria de construcción. La nueva sede del Banco de Londres y América del Sur.** CONSTRUCCIONES, Buenos Aires, n°191, 1964.
- KICHIC, R. E. **Arquitectura Bancaria.** Nuestra Arquitectura. Buenos Aires, n 418, Set.1964.
- LIERNUR, Jorge Francisco. **Arquitectura em la Argentina del siglo XX – La construcción de la modernidad.** Buenos Aires: Fondo Nacional de las artes, 2001.
- OLIVEIRA, R. C. **A formação de repertório para o projeto arquitetônico: algumas implicações didáticas.** Publicado em: COMAS, C.E., CZAJKOWSKI, J., SILVA, E., OLIVEIRA, R.C., MAHFUZ E.C., MARTINEZ, A.C. **Projeto Arquitetônico disciplina em crise, disciplina em renovação.** São Paulo: Projeto, 1986.
- PEDREGAL, J.M. **Sobre la concepción estructural del Banco de Londres.** SUMMA, Buenos Aires, n°6/7, pág. 47, dez., 1966.
- SCHERE, R. **Concursos 1825 – 2006.** Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos. 2008.
- WAISMAN, M. **La obra de Testa: Propuesta para uma lectura.** SUMMA, Buenos Aires, n. 183/184, jan/fev. 1983.
- <https://www.google.com.br/maps>